

Autor: Hildemar de Araujo Costa

Diabruras de uma Sozra Apaixonada



1.ª edição ★ 1980

Autor: Hildemar de Araujo Costa

Diabruras de uma sogra apaixonada

Leitores a minha história
Traduz a forte paixão
Que tinha uma "corôa"
Pelo seu genro João,
Vou narrar neste momento
Amor, vingança e tormento
Numa clara narração.

Minervina dos Prazeres
Viuva já consolada
Morava com sua filha
A qual estava casada,
No princípio eram flores
Vindo depois dissabores
Duma sogra apaixonada.

A família bem pequena
Morava em Belo Jardim,
João era carpinteiro
Mas não achava ruim,
A mulher boa Modista,
Diziam ser uma Artista
Com agulha e manequim.

Minervina bem vaidosa
Apesar dos seus quarenta
Era mulher decidida
E com cabelo na venta,
Ao tomar aperitivo
Olhava com atrativo
O genro João Pimenta.

O rapaz logo a princípio
Não dava muita atenção
Porém o olhar da sogra
Vinha na sua direção,
Ele saía calado
Bastante preocupado
Com toda situação.

Um belo dia a Modista
Recebeu uma mensagem
Falando duma encomenda
Que dava grande vantagem,
Ela falou com João
E tendo autorização
Arrumou sua bagagem.

A sogra disse consigo:
Vai ser agora meu "chapa"
Ao depois desta viagem
Você de mim não escapa,
Ou vai ceder meu capricho
Ou então vai virar lixo
Porque comigo é no tapal...

De manhã muito cedo
João levantou do leito,
A mulher estava longe
E ele um pouco desfeito,
A sogra lhe disse: - agora
Sua mulher foi embora
Mas eu faço o mesmo efeito...

Ele fez que não ouviu
Aquele declaração
Tomou somente café
Evitando comer pão,
Saiu para trabalhar
E foi pensando no lar
Como honesto cidadão.

Minervina dos Prazeres
Pensando em sua conquista
Foi ao Salão de Beleza
Para dar melhor na vista
Comprou baton e peruca
Armando sua arapuca
Com ares de anarquista.

João chegou do trabalho
E viu a velha faceira,
Ela disse: - Meu filhinho
Venha curar a canseira,
Bote a sua cabecinha
No joelho de mãesinha
E caia na dormideira.

Ele tornou a sair
Pensando na sua vida
E andou pela cidade
Parecendo alma perdida
Procurando distração,
Sentiu que sua visão
Pra frente foi atraída.

Éra um Circo gigantesco
Com luzes pra todo lado,
Ele comprou uma entrada
E ficou ali sentado,
Viu que na primeira fila
Estava um forte Gorila
De tamanho avantajado.

João perguntou ao dono
Do Circo, neste momento,
Porque aquele animal
Estava sem movimento,
Nem parecia um vivente
E sim um inconsciente
Feito de barro e cimento.

O dono então respondeu:
—Este macaco é safado,
Depois que a fêmea morreu
Ficou assim invocado,
Ele vive triste, paca,
Tá sempre com a macaca
Mas sem a bicha de lado.

João teve uma idéia
Pensando de modo assim:
Minha sogra enxerga pouco
Pois tem a vista ruim,
Ao dirigir faz besteira
Pois sempre atropela freira
Pensando que é Pinguim.

Então sem ter mais demora
Fez a seguinte proposta:
— Me alugue este macaco
Que vou ganhar uma aposta,
Uma noite é o bastante
E quero que neste instante
O senhor dê a resposta.

O dono disse:—Eu alugo
Macaco, Burro ou Cavallo,
Preciso ganhar dinheiro,
O bicho é sempre vassallo,
Na lei do mestre urubú
No Natal morre o peru
Mas rezam missa pro galo.

João saiu com o macaco
Que parecia demente,
Segurava uma corda
Seguindo sempre pra frente,
O bicho de grande venta,
Tinha um metro e setenta
Fora o rabo de serpente.

A sogra tinha saído
Em busca de novo drama
No Armazem da esquina
Tomou um copo de "rama",
Esperava por João
Encostada no balcão
Planejando seu programa.

Logo entrou pelo fundo
E não acendeu a luz,
O macaco no escuro
Quase derruba um chapuz,
Botando o bicho no leito
João voltou satisfeito
Com passos de avestruz.

Foi direto no Armazem
Onde estava Minervina,
Esta já meia "chumbada"
Lamentava sua sina
E quando avistou João
Sentiu nova reação
Dizendo: - tu me fascina l..

Ele disse: - Meu amor
Vou para casa dormir,
Daqui a cinco minutos
Você poderá sair
Mas deixe a luz apagada
Pois quero uma namorada
A qual só possa sentir.

João entrou pela frente
Depois saiu pelo fundo
E a sogra entrou na casa
Sentindo um amor profundo,
Na imensa escuridão
Foi no quarto de João
Na maior treva do mundo.

Passou a mão no macaco
Como se ela fosse a dona
E disse: - Meu amorzinho
Vá tirar essa japona,
Agora genro querido
Conhecerá o sentido
Deste amor que veio à tona.

Beijou a boca do bicho
Dizendo - Coisa bacana,
Meu filho seu beijo tem
O sabor duma banana
Teus lábios de Vitamina
Pertencem à Minervina —
A tua linda cigana.

Foi o macaco sentindo
O bafo de aguardente,
Se remexeu e saiu
Do estado inconsciente,
A lembrança da macaca
Fez abrir grande matraca
Dando um grunido contente.

A sogra se arrepiou
Porém voltou à batalha,
Sentindo a unha do bicho
Cortando feito navalha,
Ela disse: - Tremendão
Tens unha de gavião
Mas nada disso atrapalha..

Minervina no delírio
Beijou o grande cangote,
O macaco se encolheu
Já pronto pra dar o bote,
A cama caiu no chão
E naquela confusão
O bicho dáva pinote.

João meio temeroso
A luz da casa acendeu,
Nos braços de King Kong
A mulher enlouqueceu,
Veio até o Delegado
Que ficou petrificado
Com tudo que aconteceu.

A sogra foi pro Hospício
Fazendo muita careta
E João para a cadeia
Após cair na caneta,
O macaco sem destino
Saiu com ar de cretino
Carregando uma maleta.

Assim termino a história
Versando toda ocorrência,
Apesar do triste drama
Não escrevi indecência,
Contei o fato fiel
Num livrinho de Cordel
Que tirei da consciencia.

F I M

Aos Leitores

Hildemar de Araujo Costa nasceu em Salvador a 10 de setembro de 1932. Seus pais: Carlos de Araujo Costa e America Rosa Costa. Profissão: Agente Administrativo. Homem simples, Comunicativo e que trouxe o dom da Poesia desde os seus tenros anos de idade.

Ao ingressar na "ORDEM BRASILEIRA DOS POETAS DA LITERATURA DE CORDEL" deu a luz a sua primeira publicação, em Literatura de Cordel: "A BAHIA A RODOLFO COELHO CAVALCANTE", numa homenagem ao trovador alagoano, radicado a 30 anos neste Estado, congregando os Trovadores e Violeiros Repentistas de todo o País. Hildemar hoje possui amigos e admiradores em todo o País, já tendo recebido várias crônicas elogiosas entre as quais que mais se destacaram foram a do Jornalista Inocêncio Candelária, de Mogi das Cruzes e de Paulina M. Frank, de Campinas-SP.

Este é o seu segundo folheto e que merece a atenção dos leitores quer que pelo seu estilo de trovador popular assim como pela sua maneira de escrever humorismo sem pender para licenciosidade.

Rodolfo Coelho Cavalcante

Membro da "Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel"